Fé, esperança e caridade

Itinerário rumo a Deus para o mundo atual

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cantalamessa, Raniero
Fé, esperança e caridade : itinerário rumo a Deus para o mundo atual / Raniero Cantalamessa ; tradução de Pe. João Paulo Bedor. - São Paulo : Paulus, 2024.
(Coleção Meditações)

ISBN 978-85-349-5524-9

Título original: Fede, speranza e carità

1. Virtudes teologais 2. Fé 3. Esperança - Aspectos religiosos - Cristianismo 4. Caridade I. Título II. Bedor, João Paulo
2. III. Série

24-4479 CDD 241

Índice para catálogo sistemático:
1. Virtudes teologais

Coleção **Meditações**

- *A Palavra que leva ao silêncio*, John Main
- *O momento de Cristo: a trilha da meditação*, John Main
- *Prática diária da meditação cristã,* Laurence Freeman
- *Meditações sobre a paixão do Senhor*, São Charles de Foucauld
- *"Eu lhes dou a minha paz": a paz com Deus, com os outros e consigo mesmo,* Raniero Cantalamessa
- *Ó Trindade que adoro! O mistério de Deus revelado por Jesus*, Guido Marini
- *Fé, esperança e caridade: itinerário rumo a Deus para o mundo atual*, Raniero Cantalamessa

Raniero Cantalamessa

Fé, esperança e caridade

Itinerário rumo a Deus para o mundo atual

Tradução
Pe. João Paulo Bedor, ssp

PAULUS

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *FEDE, SPERANZA E CARITÀ: Un itinerario a Dio per il mondo d'oggi*
Tradução da segunda edição, revista e ampliada.
© 2023 EDIZIONI SAN PAOLO s.r.l.

Direção editorial
Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial
Elisa Zuigeber

Revisão
Tiago José Risi Leme, Darlei Zanon,
Luiza Tenuta, Carlos Antônio S. Maia

Design
Julia Ahmed

Impressão e acabamento
PAULUS

1ª edição, 2024

Conheça o catálogo **PAULUS** acessando: **paulus.com.br/loja**, ou pelo QR Code.
Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

© PAULUS - 2024

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5524-9

Introdução

Nova et vetera
Coisas novas e velhas! (Mt 13,52)

Os pagãos conheciam o mito das "três Graças"; nós, cristãos, conhecemos as três virtudes teologais: fé, esperança e caridade. Três Graças não míticas, mas reais. O nome "Graças" seria até mais apropriado para elas do que o termo "virtude", que é uma categoria mais filosófica do que bíblica e coloca ênfase no esforço humano em vez do dom de Deus.

Na pintura *A Primavera*, do renascentista Sandro Botticelli, há uma clara espiritualização do mito. As três Graças – aqui insolitamente pudicas e castas – com suas mãos convidam a olhar para o céu! Assim como elas, as três virtudes teologais também estão de mãos dadas, porque são inseparáveis. Onde uma está presente, as outras duas necessariamente também estão. Acontece como na Trindade, onde em cada uma das três Pessoas divinas, pela natureza comum, estão as outras duas. Há uma espécie de *pericorese*, ou seja, mútua interpenetração, também entre as três virtudes teologais. Não é à toa que a expressão "a santa tríade" é usada para indicar as três virtudes teologais – fé, esperança e caridade –, além de designar a Santíssima Trindade.[1]

Valorizando a tradição antiga – patrística e medieval –, o presente ensaio busca também uma abordagem moderna e existencial, que responda aos desafios, enriquecimentos e, por vezes, substitutos propostos pelo homem contemporâneo às virtudes teológicas do cristianismo. O mandamento evangélico sobre a necessidade de unir "coisas novas e coisas velhas" é o critério orientador de todo o pequeno tratado. Ele apresenta todas as limitações (mas esperamos também algumas vantagens) próprias de cada

[1] Clemente de Alexandria, *Stromata* 4,7; PG 8,1265. Para ver a imagem de Botticelli, digite na Internet: Sandro Botticelli, "As três graças". Os documentos pontifícios são citados a partir do site do Vaticano (http://www.vatican.va).

tentativa de síntese. Não há, portanto, pretensão de completude e sistematicidade, mas apenas respostas a questões e situações perpetuamente atuais, ou tornadas tais com a chegada da modernidade. A abordagem em pequenos capítulos – quase independentes uns dos outros e que podem ser lidos mesmo fora de ordem – responde ao estilo que a comunicação escrita assumiu na era da Internet.

O tom do discurso e o seu enquadramento litúrgico – viagem ideal a Belém seguindo os passos dos magos – devem-se à origem oral do livro, surgido como desenvolvimento das pregações realizadas na Casa Pontifícia, na presença do papa João Paulo II, no Advento de 1992, e do papa Francisco, no Advento de 2022. A vantagem deste método é que ele não permite gastar todo o tempo definindo o que são as virtudes teologais, mas ajuda a mergulhar na história atual e na própria vida. A coisa mais importante, de fato, não é saber o que são as virtudes teologais, mas praticá-las! As virtudes teologais, assim como a Escritura, são conhecidas ao serem colocadas em prática.

Outra vantagem é que tal abordagem ajuda a tornar a teologia – até mesmo a mais elevada – acessível a todo o povo de Deus e não apenas aos "especialistas". Uma teologia, portanto, "suscetível de ser pregada", como foi desejada em seu tempo por Karl Barth e colocada em prática por Santo Agostinho. Estou convencido de que não há nenhum conteúdo da fé, por mais elevado que seja, que não possa ser compreendido por qualquer inteligência aberta à verdade. Se há algo que podemos aprender dos Padres da Igreja é que podemos ser profundos sem sermos obscuros. Basta usar uma linguagem acessível a todos, que não despreze imagens, histórias, parábolas, poesia e pequenas experiências pessoais.

São Gregório Magno diz que as Sagradas Escrituras são "simples e profundas, como um rio em que, por assim dizer, um cordeiro pode caminhar e um elefante pode nadar".[2] A teologia deveria se inspirar neste modelo. Cada um deveria poder encontrar alimento para sua alma: o simples, como seu sustento, e o erudito, como iguaria refinada para seu paladar. Além disso, muitas vezes é revelado aos "pequeninos" o que permanece

[2] Gregório Magno, *Moralia in Jó*, *Epistola Missoria*, 4; PL 75,515. Id, *Hom. In Ezechiel*, I, 7,8.

escondido aos "sábios e entendidos". (Para não desencorajar ninguém, alguns temas teológicos especialmente desafiadores são abordados em notas de rodapé e nos dois *excursus* finais.)

No seu núcleo mais recente (desenvolvido na terceira parte dedicada à caridade), o presente ensaio pretende ser uma tentativa tímida de fazer teologia não a partir da ideia filosófica de Deus como "Ser absoluto", mas sim a partir da revelação bíblica de Deus como "Amor absoluto". Não há pretensões tolas de substituir o Amor absoluto pelo Ser absoluto; apenas o desejo de preencher o *recipiente* abstrato e estático com *conteúdo* concreto e dinâmico. Em outras palavras, é uma tentativa de devolver a Deus a liberdade do vento, o ardor do fogo, o *pathos* do amante ciumento que o caracteriza no Antigo Testamento e, mais ainda, a ternura paterna que apenas o Filho, que "está no seio do Pai", poderia nos revelar. A minha tentativa não tem outra ambição senão a de incentivar outros a continuar com recursos melhores (e mais tempo pela frente!). Tema a ser desenvolvido, intimamente relacionado com o de Deus como "Amor absoluto", seria o tema de Deus como "Humildade infinita". Uma abordagem mais bíblica não significa renunciar ao diálogo com a cultura moderna. Este mesmo ensaio deve servir para demonstrar precisamente o contrário. Ele não quer ser mais do que uma pequena contribuição para a evangelização da cultura e para a inculturação do Evangelho.

A teologia cristã ainda não terminou, creio eu, de libertar a ideia de Deus da jaula metafísica de Aristóteles e das ataduras da sua própria especulação, que arriscam transformá-lo em algo semelhante a uma múmia no museu da mente humana! O Deus de Aristóteles move o mundo sem ele próprio se mover, muito menos se emocionar, como a lua move as marés; o Uno platônico, por sua vez, é Amor (*Eros*), mas deixando de lado a Trindade, não tem ninguém "semelhante a ele" para amar e ser amado, um pouco como Adão antes da criação de Eva. Amor sem alegria e beleza desperdiçada!

O que emerge no final como o resultado mais belo (e também, para mim, inesperado) dessa tentativa de síntese é ver ressurgir em todo o seu esplendor o dogma cristão da Trindade como solução para os nós que nunca foram desatados no pensamento teológico. A revelação da

Trindade – veremos – é o que permite afirmar sem contradição que Deus é Amor, Beleza e Felicidade. Pensar em tornar o cristianismo mais aceitável para o homem de hoje, colocando a Trindade entre parênteses, é como pensar em tornar a corrida de um velocista mais rápida tirando-lhe a espinha dorsal!

Platão e Aristóteles, assim como seus homólogos cristãos, Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino, e todos os grandes teólogos do passado até aos nossos dias, são "os gigantes", sobre cujos ombros devemos subir para ver mais longe, mesmo que seja apenas um centímetro. Se fossem questionados sobre Deus, no entanto, estou convicto de que nos responderiam como as criaturas inanimadas respondiam a Agostinho: "*Quaere super nos!*":[3] busca-o acima de nós! Acima deles está a Escritura, que, como ainda escreve São Gregório Magno, "cresce com aqueles que a leem";[4] cresce à medida que nos aproximamos dela com novas questões e provocações.

Uma palavra sobre o uso da Escritura neste ensaio. É suficiente, para compreender a Escritura, considerar a história de um texto, suas fontes, variantes, o gênero literário: em suma, a crítica exegética mais atualizada – ou é necessário algo mais? Todos esses meios não são, eu acredito, a última palavra, mas sempre e apenas uma premissa e preliminares, embora indispensáveis. Pensar que se pode "entender" a Escritura apenas com a aplicação das mais avançadas técnicas científicas, históricas e filológicas é como acreditar que se pode explicar a Eucaristia através de uma análise química da hóstia consagrada! E, no entanto, ninguém é capaz de apreciar mais o trabalho crítico sobre a Bíblia (nem é mais grato àqueles que dedicam a sua vida a isso!) do que aquele que a utiliza como um mapa para explorar o território e como um trampolim para o salto da fé.

Uma analogia pode nos ajudar a entender melhor. Os estudiosos da *Divina Comédia* podem chegar a explicar cada palavra, descobrir cada alusão, cada fonte histórica ou literária… Sempre haverá algo que escapa a tudo isso, mas que é essencial: aquela coisa indefinível chamada poesia!

---

[3] Agostinho, *Confissões* X, VI, 9.

[4] Gregório Magno, 20, 1,1: "*Scriptura cum legentibus crescit*"; *Ibdem*., *Hom. In Ezechiel*, I, 7,8.

Isso só pode ser capturado pelo espírito do leitor, entrando em sintonia e vibrando em uníssono com o espírito do poeta. Algo semelhante acontece com a Escritura. "É o próprio Espírito que se une ao nosso espírito para testemunhar […]" (Rm 8,16): é a regra que preside toda leitura autêntica da Palavra de Deus, desde que não individualista, mas feita na comunhão da Igreja.

A Bíblia não pode ser lida com a premissa implícita, mas evidente e operante, de que ela seja obra apenas de autor humano. Existe uma verdade *histórica* e uma verdade que podemos chamar de *real* ou ontológica. Peguemos a declaração de Jesus: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida" (Jo 14,6). Se, por alguma improvável nova descoberta, viesse a ser conhecido que a frase foi, de fato e historicamente, pronunciada pelo Jesus terreno, isso não a tornaria "verdadeira" (pode-se sempre considerar que quem a pronuncia se engana!); o que a torna verdadeira é o fato de que, realmente e acima de toda contingência histórica, ele é o Caminho, a Verdade e a Vida. Nesse sentido mais profundo e importante, todas e cada uma das declarações que Jesus faz no Evangelho de João são "verdadeiras", inclusive aquela em que diz: "Antes que Abraão existisse, Eu Sou" (Jo 8,58). A definição clássica de verdade é "correspondência entre a coisa e a ideia dela" (*adaequatio rei et intellectus*);[5] a verdade revelada é correspondência entre a realidade e a palavra revelada que a expressa. ("Verdade", *aletheia*, é quase sinônimo de "realidade" no quarto Evangelho!) O uso que se faz da Escritura no presente ensaio é inspirado nestas convicções. Ele tem seu modelo no modo como Jesus, Paulo e todo o Novo Testamento usam a Escritura. (Nem sempre no modo dos Padres da Igreja e dos autores medievais!)

Uma observação final sobre as citações bíblicas. As traduções da Bíblia em línguas modernas seguem agora a um ritmo quase decenal. Graças ao progresso dos estudos e às mudanças nas tendências linguísticas (mas também, em parte, para justificar cada uma a sua própria existência!), essas traduções mudam continuamente palavras e expressões que, com o tempo, tinham sido enriquecidas de harmonias que, dessa forma, se perdem.

---

5 Cf. Tomás de Aquino. *De verit.* q. 1, a. 1.

Por esse motivo, mesmo seguindo habitualmente a tradução oficial em vigor na Igreja,[6] permito-me recorrer, ocasionalmente, a uma tradução ou adaptação mais aderente, também gramaticalmente, ao contexto do discurso, como frequentemente acontece no uso litúrgico da Bíblia, sem recorrer sempre à monótona repetição da sigla "cf." (Cada leitor, creio, tem à sua disposição uma Bíblia para julgar se a citação é pertinente ou não!). Fujo do uso asséptico – mecânico e quase químico – da Palavra de Deus. Não podemos estudar as palavras da Escritura como se estudássemos os fósseis, ou seja, em ambientes estéreis e usando luvas de borracha. Partilho plenamente o seguinte pensamento que, por ser de um poeta, não é menos válido teologicamente:

> Jesus não nos deu palavras mortas
> que devemos guardar em pequenas caixas
> e preservar em azeite rançoso…
> Ele nos deu palavras vivas
> para nutrir…
> Palavras de vida
> só podem ser preservadas vivas…
> Somos chamados a alimentar a palavra do Filho de Deus.
> Pertence a nós, depende de nós
> fazê-la ser escutada ao longo dos séculos,
> fazê-la ressoar.[7]

Com alegria e humildade, ofereço este livro sobre nossa herança cristã comum a todas as pessoas, mas especialmente aos jovens estudantes de teologia e aos professores de ensino religioso (católicos, mas também, se o aceitarem, ortodoxos e protestantes). Ele pretende ser um companheiro diário na jornada anual em direção ao Natal e uma pequena contribuição em preparação para o segundo milênio da nossa redenção em 2033.

---

[6] NdE: As citações bíblicas da edição brasileira são extraídas da *Nova Bíblia Pastoral*. São Paulo: Paulus, 2014.

[7] Charles Péguy, *Le porche du mystère de la deuxième vertu*, in *Œuvres poétiques complètes*. Paris: Gallimard, 1957, p. 587.